



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 63

Blocos

Branca Vianna: Bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna. Essa semana, a gente tem duas histórias sobre blocos.

E não, não tô usando bloco como metáfora pras formas como nossa sociedade se divide e se junta, nem vai ter história sobre o bloco soviético, muito menos sobre bloco de concreto.

A gente até gosta de brincar com palavras, mas essa semana o assunto é mesmo bloco de carnaval.

Se você tava procurando se distrair com qualquer assunto menos purpurinado, desculpa. Esse ano não teve jeito de conter essa "alegria infernal", como diz o hino do Bola Preta.

Mas, pra compensar um pouco, a primeira história de hoje começa bem longe do confete e da folia: começa no espaço sideral.

ATO 1

"Buzz, this is Houston..."

Flora Thomson-DeVeaux: Eu vou começar a história do jeito que ela chegou pra mim: com o Aldri.

Aldri Anunciação: meu nome é Aldri Anunciação. Sou ator, diretor, escritor e roteirista.

Flora: Começando do começo do Aldri: ele nasceu em 1973.

Aldri Anunciação: Aldri, porque o segundo homem a pisar na lua... Meu pai ficou encantado com aquela história.

Flora: No dia 21 de julho de 1969, o Neil Armstrong foi o primeiro ser humano a pisar na lua.

Neil Armstrong: It's one small step for man...

Flora: E 19 minutos depois, foi a vez do Buzz Aldrin.

Buzz Aldrin: Beautiful, beautiful.

Neil Armstrong: Isn't that something?

Flora: Não sei se você já ouviu falar nele. Os segundo lugar, os lado B da história normalmente caem nesse buraco da memória coletiva. Eu fiquei me perguntando se os pais do Aldri queriam dizer alguma coisa com isso, sobre o valor de chegar em segundo lugar, se tinha alguma admiração específica pelo Buzz Aldrin – cujo primeiro nome real, aliás, era Edwin. Mas não.

Aldri Anunciação: Ele não quis botar o primeiro, porque era muito estranho o nome, né, Armstrong.

Flora: É, realmente, Armstrong da Anunciação é mais complicado. Mas teria sido chique também.

Aldri Anunciação: E tem uma coisa assim, eles também – era o período, era o período da ditadura, então estava quase que proibido nomes internacionais.

E o Aldrin inclusive, ele tem um n no final original. E na hora eles foram tentar registrar e falou: "Não, ele não pode porque n classifica, classifica como nome estrangeiro". E aí minha mãe falou "Ah, então tá". Então tirou o n. E ficou Aldri. Ficou brasileiro.

Flora: Eu preciso dizer que, segundo o IBGE, teve um pequeno boom de Armstrongs e Aldrins na década de 70 no Brasil. Mas pelo jeito, aquele cartório de Salvador foi um pouco mais rigoroso.

Aldri Anunciação: Sou baiano, moro em Salvador, trabalho no Brasil todo, mas minha cama fica realmente aqui no Rio Vermelho, o bairro onde eu cresci praticamente. Na verdade, foram dois bairros que eu tive vivências, um bairro mais periférico, Engenho Velho de Brotas, e um bairro talvez assim, de classe média, mas que eu chamo de vaidosa, que é o bairro do Rio Vermelho e Itapuã também. Meus pais, quando separaram, cada um fica num bairro diferente, mas ambos bairros bem vaidosos.

Flora: Adorei isso dos bairros vaidosos. Aposto que você conhece vários, onde quer que você more. Essa história tem tudo a ver com essa mudança do Aldri, da periferia pro epicentro da vaidade soteropolitana. Uma troca abrupta de cenários pela qual ele não passou sozinho.

Aldri Anunciação: eu e meus irmãos, a gente tem idade muito próximas, acho que um ano, um ano e um mês de diferença. Imagine, né, meu pai e minha mãe, três crianças em casa, quase que da mesma idade.

Flora: Três crianças. Três irmãos.

Aldri Anunciação: tanto que teve a época que achavam que eram trigêmeos assim.

Flora: Pra afastar quaisquer possíveis confusões de identidade, eu pedi pro Aldri me explicar a personalidade de cada um dos irmãos. O papel que cada um ocupava naquele trio.

Aldri Anunciação: eu era o cabeça, no sentido de... eu sempre fui o mais intelectualzinho, assim, sempre fui o CDFzinho, sabe? E por isso mesmo que namorava menos, o que brincava menos. Mas eu sempre fui muito observador, muito cronista.

Flora: O Aldri é o do meio. O mediador. O observador. Até por isso, quando rolava treta, ele era sempre convocado pra relatar o que, exatamente, tinha rolado.

Aldri Anunciação: Eu não era dedo-duro, não, mas eu sei, eu sou aquele que tinha uma boa memória.

Albry da Anunciação: Eu me considero mais um sonhador.

Flora: Esse é o irmão mais velho.

Albry da Anunciação: Albry Alves da Anunciação.

Flora: Sim. Albry com bê e ypsilon, Aldri com dê e i.

Não, eu não sei como é que os pais não trocavam o nome deles o tempo inteiro. O Albry hoje é bibliotecário e um entusiasta...

Albry da Anunciação: e um entusiasta do Carnaval.

Aldri Anunciação: Meu nome é o segundo homem que pisou na lua. Mas eu acho que sempre achei o Albry muito mais na lua.

Flora: Albry, o mais velho, o sonhador. Aldri, o do meio, o cronista...
... e tinha o caçula.

Alcindo Jr.: o Albry e o Aldri, eu vejo como dois na mesma essência, as pessoas eram uma cabeça pensante junto com o pai, e eu observava muito, era muito o que botava em prática.

Flora: Esse é o Alcindo Júnior.

Albry da Anunciação: Junior é mais intempestivo, né? Ele é o mais, é aquele que toma a frente das coisas, tanto que ele é advogado.

Alcindo Jr.: Meu nome é Alcindo da Anunciação Junior, tenho 48 anos, sou advogado e carnavalesco.

Aldri Anunciação: Mas resumindo, seria o bagunceiro, o mais novo... o do meio, o mais observador ali que estava relatoriando tudo... e o Albry, aquele que não sabia o que estava acontecendo.

Flora: Na virada dos anos 80 pros 90, a situação financeira dos pais desse trio melhorou bem, e eles entraram numa escola nova, no bairro da Barra. Parece o começo de uma piada meio críptica: um sonhador, um observador, e um bagunceiro entram num colégio chique.

Aldri Anunciação: E a gente se empolgou muito. Tipo assim, vida nova, ascensão social. Escola nova também.

Flora: Na verdade, é mais pra cena de abertura de um filme de sessão da tarde. O nosso trio intrépido de adolescentes tá prestes a desbravar um mundo novo, uma sala nova, colegas novos, um refeitório novo – e tudo isso num bairro bem chique – ou vaidoso.

Mas, muito além da sala de aula, tinha uma coisa no ar.

O cheirinho de pré-carnaval.

Aldri Anunciação: O próprio colégio era no bairro carnavalesco de trio, diga-se de passagem, de bloco de trio, não de bloco afro.

Flora: Peraí só um segundo, que eu pedi pro Aldri explicar isso direitinho.

Aldri Anunciação: nos anos 80, o carnaval de Salvador ele era... Ele era dividido basicamente em blocos de trio.

Flora: Trio, de trio elétrico. Ou seja, blocos com uma banda tocando em cima de um carro de som. Cê deve ter ouvido falar de alguns desses blocos de trio.

Banda Beijo: na magia do Beijo, um abraço e um queijo pra quem não dançar...

Aldri Anunção: tinha um bloco Beijo que tinha a Banda Beijo. Aí tinha um bloco Eva, que tinha a banda Eva.

Flora: Tinha esses blocos de trio...

Aldri Anunção: que aí eu diria, já que eu comecei a falar dos bairros de classe média vaidosa, são os carnavais da galera classe média vaidosa, dos bairros mais vaidosos. E tem os blocos afro, que eram as turmas mais da periferia.

Flora: Os blocos afro mais famosos eram – e são – os Filhos de Gandhi, o Ilê Aiyê, o Olodum, Araketu, Malê Debalê...

Aldri Anunção: dentre a coisa do bloco afro também tinha umas subdivisões dos blocos de índio. Que eram blocos formados por pessoas negras – olha que interessante – que assistia os filmes de westerns americanos e via os indígenas perdendo do homem branco. E eles criavam o "bloco de índio" para poder fazer o contrário, fazer – ganhar de alguma forma.

Flora: Se você tá com dificuldade de separar na sua cabeça a música de bloco de trio da música de bloco afro, tem um motivo pra isso.

Aldri Anunção: O que rolava de engraçado na década de 80 e 90 é que as músicas dos– das bandas dos blocos de trio, desses blocos de bairros vaidosos, a música era inspirada nos blocos afro. O Bloco Ilê é um bloco afro, né, um bloco de comunidade. E as músicas do bloco afro Ilê fizeram sucesso na voz de Daniela Mercury, que era uma cantora de bloco de trio.

Música O mais belo dos belos

Quem é que sobe a ladeira do Curuzu?...

Aldri Anunciação: Axé music nada mais é do que esse encontro. Um bebendo do outro e um divulgando o outro.

Flora: Esses blocos são meio que uma mistura de bloco de rua com desfile de escola de samba. Tem um circuito determinado, e vai um bloco desfilando atrás do outro no mesmo circuito, que acaba passando por um corredor de camarotes – mas, ao contrário do Sambódromo, não tem jurados, não tem avaliação, e não tem rebaixamento. É só pra se divertir, mesmo...

Mas tem um detalhe: não é só aparecer lá na hora pra cair dentro.

Nisso também é parecido com escola de samba.

Tem que se cadastrar com antecedência, comprar o abadá do bloco... e aí tá liberado curtir a folia.

Aldri Anunciação: Então era assim que funcionava, basicamente. Sei lá, em um minuto, Carnaval dos anos 80, nos 80 e 90.

Flora: Pronto, Carnaval de um minuto encerrado. Na verdade, deu um pouquinho mais de um minuto, mas dá um desconto aí. Vamo voltar pro colégio vaidoso no bairro vaidoso... que acontece de ser o bairro onde os blocos de trio passam. E o nosso trio de irmãos tá a fim de entrar num bloco desses. O ano é 1990.

Aldri Anunciação: Como é que funcionava na década de 90?

Albry da Anunciação: E para entrar nesses blocos, a gente tinha que passar por uma ficha.

Aldri Anunciação: Eles recebiam uma proposta da gente pra se inserir no bloco, para ser um integrante, um folião.

Flora: Você preenchia uma ficha com todos seus dados. Nome, sexo, data de nascimento, foto 3x4, o escambau. E tinha o endereço de casa também.

Aldri Anunção: “Ah, e o endereço que corta, viu, gente? Endereços de periferia, eles não topam”.

Flora: O trio aspirante a trio ficou sabendo no boca-a-boca que, nesse processo, era ruim ter um endereço de periferia – um endereço tipo do bairro onde eles moravam antes, Engenho Velho de Brotas...
Mas tudo bem, né? Porque eles não moravam mais lá...

Aldri Anunção: Então a gente falava: "Não, então tranquilo, que a gente botou o endereço de mãe no Rio Vermelho, o endereço de pai, que é Itapuã, onde a gente mora"...

Flora: Bom, eles preencheram as fichas e mandaram lá.
E no primeiro bloco... não rolou.

Aldri Anunção: de cara, assim, não foi aprovado, assim, muito rápido.

Flora: Bola pra frente.

Aldri Anunção: "Ah, deve estar cheio. Vamos tentar outro."

Flora: Só que...

Aldri Anunção: E novamente foi reprovado, assim. E a gente tentou mais um outro e também foi reprovado.

Flora: Naquele carnaval, o trio de irmãos ficou sem trio.
Mas eles nem estranharam tanto.

Aldri Anunção: a gente entendia que os blocos tavam cheios e que a gente não deu sorte, que a gente pegou e a gente não conseguiu a tempo conseguir a vaga. Mas os nossos colegas, que é– que tava estranho. A maior parte deles conseguia, assim. Será que porque eles já saem há muito tempo? Eles privilegiam os foliões mais fiéis?...
Quem sabe ano que vem...

Flora: Aí, como costuma acontecer, o ano que vem chegou. 1991.

Mesmo esquema. Ficha, nome, data de nascimento, endereço, foto 3x4.

Reprovado.

Reprovado.

Reprovado.

Aldri Anunciação: eu sabia o que tava rolando.

Flora: Tem uma coisa que eu não expliquei direito antes. Quando os pais do Albry, do Aldri e do Júnior conseguiram trocar de endereço e botar os filhos no colégio chique, era como se eles tivessem passando por um portal.

De uma Salvador pra outra.

Aldri Anunciação: a gente vai prum bairro de pessoas vaidosas, como eu falei. Com menos negritude... do que no bairro que a gente morava antes. Então era um bairro mais branco. Então, talvez essa passagem ali do início dos anos 90, a gente começa a perceber a diferença de classe e de raça.

Flora: Se antes eles eram três meninos, agora eles começam...

Aldri Anunciação: começa a se perceber enquanto negros, três rapazes negros.

Flora: No bairro, mesmo, isso já tinha começado a ficar claro.

Mas no colégio, era difícil de ignorar.

Na sala do Aldri, por exemplo...

Aldri Anunciação: só tínhamos eu e um outro colega, o Marcos Paulo, negros.

Flora: Os três irmãos falaram a mesma coisa: que a experiência deles no colégio era boa. O diretor era negro, os colegas brancos eram bem legais. Mas o carnaval chegou como um raio-X pra revelar o que que tava logo ali, debaixo da superfície.

Aldri Anunciação: Estou sendo excluído dessa história.

Albry da Anunciação: é tudo maravilhoso, a gente estuda na mesma sala, mas na hora de sair no bloco, sua ficha não vai passar.

Alcindo Jr.: a gente não conversava entre si, mas todo mundo percebendo ali que a coisa tá apertando.

Flora: Eles ouviam: "bloco tal é bloco de gente bonita". E quando cê não passa? E quando cê percebe que esse critério de beleza é um critério de outra coisa?

Albry da Anunciação: tem uma frase até que eu digo que o Vovô do Ilê fala, né? Se você não diz que é preto, um dia o sistema vai dizer que você é preto.

Aldri Anunciação: Mas eu sentia que a gente nunca ia sair no Bloco Beijo. A gente nunca ia conseguir sair no Bloco Eva. Nunca ia conseguir sair nesses blocos.

Albry da Anunciação: Você tá no bairro do Rio Vermelho. Você tá estudando no colégio de classe média alta. Você tem um poder econômico de— de classe média, mas você é melanina acentuada, você é preto. E a coisa vai mostrar, e o sistema vai mostrar você— que você é preto.

Aldri Anunciação: Essa questão da racialização na criança negra é muito grave, porque lida com autoestima, sabe? Então, como é que eu vou conversar com os meus amigos assim, tipo... Ser o que eu sou me impede de estar com vocês no bloco". Cê entende, assim, não era algo do tipo: "não estou com uma roupa legal, vou trocar a roupa". "Não tô com endereço bacana. Então tá. Vou mudar para um endereço" – não, assim...

Flora: Os irmãos não conseguiam tocar muito nessa ferida nem entre eles. Muito menos com os amigos brancos.

Aldri Anunciação: talvez era melhor a gente não pensar sobre.

Flora: Mas eles contaram pra uma pessoa.

Aldri Anunção: E aí a gente dividiu isso com o pai.

Alcindo da Anunção: O meu nome cê já sabe, né, é Alcindo da Anunção.

Aldri Anunção: Meu pai já era um cara meio politizado.

Flora: “Meio politizado” é meio pouco. Pra entender como é que essa história bateu no Alcindo, vale a pena conhecer ele melhor.

Alcindo da Anunção: nasci e fui criado no bairro da Saúde. No Beco São José da Paz. Quem manda quem grita mais! Era um beco, dez casas, cinco de um lado, cinco do outro e um sanitário. Cê imagine. Fui logo batalhar muito cedo...

Flora: O Alcindo foi camelô na Baixa do Sapateiro...

Alcindo da Anunção: vendia essas bugigangazinhas...

Flora: ... ele vendeu enciclopédia Britannica,

Alcindo da Anunção: uma enciclopédia de— de marca, né?

Flora: Ele fez concurso, trabalhou numa petroquímica... foi estudando, se formou em direito, e acabou virando perito criminal da Polícia Civil. Só que, quando ele chegou na Polícia Civil, as condições de trabalho não tavam exatamente ideais.

Alcindo da Anunção: Você há de convir que, às vezes, o poder público não dá o— o que precisa pra você desenvolver a atividade, então. Por exemplo, eu saía num fusquinha com os pneus carecas. Cê imagine. E eu ia fazer a perícia no local de crime. Se esse pneu fura no caminho, eu me bato com o bandido, não posso nem correr!

Aldri Anunção: Então ele acaba, ele acabava entrando, criando movimentos, mesmo, pra melhores condições de trabalho pra essa classe – não só a classe dele dos peritos, como também dos policiais civis.

Flora: O Alcindo bateu de frente com o andar de cima, e fundou uma associação dos peritos criminalistas.

Alcindo da Anunção: ASBAC, Associação Baiana de Criminalistas. E eu fui o fundador e fui o primeiro presidente.

Flora: Depois ele fundou a associação dos policiais civis...

Aldri Anunção: ...depois virou sindicato.

Flora: E, daquele sindicato, ele virou presidente também.

Aldri Anunção: E fez greve. Fez a primeira greve da Polícia Civil no Brasil... Na época que greve ainda era contravenção.

Locutor: Sem outra alternativa, os policiais civis se rebelaram, deflagrando a greve.

Alcindo da Anunção: Chegou ao ponto de me prender, né?

Locutor: um forte aparato da Polícia Militar para atacar os policiais civis e prender o líder Alcindo Anunção.

Alcindo da Anunção: tinha uns duzentos policiais de um lado, uns cem–cem do outro...

Aldri Anunção: A gente viu ele sendo preso, minha mãe desmaiou...

Som da prisão: Vai, vai, vai ...

Aldri Anunção: a gente almoçando. A gente viu, eu, minha mãe e os meninos.

Alcindo da Anunção: E eles me arrastando.

Aldri Anunção: Tinha tiros, né?

Alcindo da Anunção: Tiro foi de um lado, tiro do outro.

Aldri Anunção: A gente não sabia se tava pegando em você, se era pro alto.

Flora: O Alcindo não se machucou, foi solto no dia seguinte, e eles encerraram a greve logo depois. Mas a vingança veio a galope.

Alcindo da Anunção: ali eles abriram um processo. Pra me exonerar. Me exonerar. E eu aproveitei tudo isso. E do limão fiz a limonada.

Flora: Era 1986, e iam rolar as primeiras eleições abertas depois da ditadura.

Tinha uma penca de candidatos na praça. Mas a prisão espetacular do Alcindo deu destaque suficiente pro PMDB apostar nele. Mesmo que ele não ganhasse, ele ia trazer atenção pra legenda na Bahia.

Alcindo da Anunção: aí eu me elegi deputado estadual. Me exoneraram, me promoveram.

Flora: O Alcindo virou deputado estadual constituinte – ou seja, ele participou da elaboração da constituição do estado da Bahia.

Alcindo da Anunção: Foi uma guerra pra botar esse capítulo do negro na Constituição, sabe disso?

Flora: A Bahia, de longe o estado mais negro do país, também é o único que tem um “capítulo do negro” na Constituição. O capítulo coloca racismo como crime inafiançável, proíbe relações com países que praticam discriminação racial oficialmente, inclui uma visão afro-centrada da história brasileira no ensino público, garante mais participação negra em propagandas oficiais do estado, e consagra o dia 20 de novembro como dia da consciência negra. Mas, na lembrança do Alcindo,

pros colegas dele, não foi uma decisão tão óbvia incluir tudo isso na constituição estadual.

Alcindo da Anunciação: "Por que capítulo do negro?" "Por que capítulo do negro?" Foi uma guerra. Mas eu consegui colocar o capítulo do negro na constituição do Estado da Bahia.

Flora: Olhando os retratos dos deputados constituintes, dava pra ter uma noção da solidão do Alcindo. Se o Aldri só tinha um colega negro na sala dele, o pai dele não tava muito melhor.

Aldri Anunciação: Foi nesse momento que você coloca a gente na escola melhorzinha.

Alcindo da Anunciação: Ah, foi, foi. Nesse momento, é...

Aldri Anunciação: A gente vai pra escola... que aí é outra batalha pra a gente, né?

Flora: Pronto, a gente chegou de volta onde a gente tava. Os irmãos sendo rejeitados nos blocos de trio... que acabam comentando disso tudo com o pai.

Aldri Anunciação: Mas trazer esse contexto pra dizer que a gente contou pra esse cara, esse cara que é um cara sensível às questões sociais, que os três filhos, há dois anos ali naquela escola particular de um bairro de classe média vaidosa, de um bloco também vaidoso, que há dois anos nega, assim, a possibilidade do filho dos filhos deles com os filhos dele comprarem um abadá pra sair no bloco de trio.

Flora: 90, os meninos não passam. 91, os meninos não passam.

Aldri Anunciação: Em 92, meu pai veio com essa proposta.

Flora: A proposta era a seguinte:

Aldri Anunciação: "Gente, vamos fazer um bloco de trio."

Flora: Simples assim, né?

Aldri Anunção: Ele não tinha estrutura nenhuma pra fazer bloco de trio, né? “Mas vai distribuir aonde os abadás?” Embaixo da casa de sua vó, lá no bairro de Brotas. Lá tem um galpão. A gente– pode ser o local onde a gente vai distribuir os abadás. “Ah, mas e o trio?” A gente aloca onde? Ah, eu sei, a gente conhece as pessoas que podem– a gente pode negociar e contratar um trio. “E a banda?” A gente contrata uma banda. Então, assim, tudo ele estava à mão, sabe?

Flora: Pra parte da segurança, o Alcindo tinha os contatos dele da polícia. E – o mais importante de tudo – ele já tinha alguma expertise carnavalesca: ele foi dos fundadores do bloco A Patota, lá no bairro da Saúde.

Alcindo da Anunção: “Patota chegou, vou me ligar” – tinha até a música.

Flora: O Alcindo cresceu ali, do lado do Pelourinho, com o Carnaval praticamente batendo na porta.

Alcindo da Anunção: eu comecei a gostar do carnaval porque eu já via meus tios saindo nos Filhos de Gandhy.

Flora: Mas o batismo dele de carnaval de rua foi um pouco mais roots, um pouco mais pungente.

Alcindo da Anunção: ... eu saía no Come Lixo, na Saúde. Come Lixo era um bloco da época, Virgem Maria! Como é que ele surgiu, o Come Lixo? Come Lixo surgiu... A limpeza pública era ruim, ela ainda não é lá essas coisas, quanto mais naquela época...

Flora: A coleta já não era boa durante o ano. Aí, chegava o Carnaval, o pessoal passava rasgando pelo beco, e o lixo ficava espalhado que nem confete.

Alcindo da Anunção: Porque você botava o lixo na porta. O caminhão de lixo não vinha pegar. Aí ficava tudo lá jogado.

Flora: Dizem que o Come Lixo é o segundo bloco mais antigo de Salvador, só atrás do Filhos de Gandhi. Então dá pra dizer que o carnaval soteropolitano tem protesto na raiz. O bloco que o Alcindo fundou em 1992, com e para os filhos, não era um bloco protesto, era um bloco de trio, mesmo.

Mas a própria existência do bloco não deixava de ser um tipo de protesto. Ia ser um bloco de trio de periferia.

Aldri Anunciação: A comunidade de periferia, ela trabalhava nos blocos de trio, ela não curtia.

Flora: Tinha uma barreira de acesso ali. Porque bloco de trio tinha muito mais infraestrutura. Mais infraestrutura, mais custo, abadá mais caro. A equação era essa. E o resultado era: periferia de fora da corda. Segurando a corda, no caso, ou vendendo água do lado de fora.

Albry da Anunciação: trio elétrico é equipamento caro, então os blocos periféricos não tinham condições de ter esse equipamento.

Flora: É caro. Mas o Alcindo tem muitas conexões...

Albry da Anunciação: E ele tinha uma relação com um trio chamado Realce, né?

Flora: Um trio chamado Realce. Um trio elétrico mesmo, um caminhão de som, que até animava festas, participava de comícios e tal Nordeste afora.

O trio era conhecido. Mas ele não tinha um bloco pra chamar de seu...

Até então.

Albry da Anunciação: Vamos criar o bloco Realce.

Flora: O Bloco Realce. O Alcindo combinou de alugar o trio pros três dias do carnaval, e começou a mobilização.

Aldri Anunção: Era panfleto... eu lembro que ele imprimia. Ele já tinha esse esquema de panfleto, mesmo, que ele imprimia para fazer as greves.

Flora: Esse bloco não ia ter ficha, muito menos processo seletivo.

Aldri Anunção: E você ia na sede – que a sede ficou embaixo da casa de minha vó – e pagava uma taxa. O valor era infinitamente menor, porque ele não estava fazendo pra ganhar dinheiro, né.

Albry da Anunção: Valor bem simbólico.

Flora: Eu não consegui achar os valores dos abadá no Carnaval de 1992. Mas em 96, o abadá mais caro do circuito era o do Chiclete com Banana: 550 reais, já naquela época. E o do Realce tava... 80 reais.

Aldri Anunção: a gente não ganhava dinheiro, ganhava dor de cabeça!

Flora: Os meninos tinham começado querendo pular carnaval, né? Mas, pra fazer isso acontecer, o Alcindo botou eles pra trabalhar. O Aldri pegou uma função mais executiva.

Aldri Anunção: Eu fiquei numa área meio administrativa, de tipo, meio RP, assim, porque eu sabia me relacionar com as pessoas.

Flora: O Albry ajudava a costurar parcerias, e controlava quem que podia subir no trio elétrico. E o Junior, do alto de seus 18 anos, cuidou de contratar os cordeiros – no caso, os carregadores de cordas –, que eram centenas, e fazer todo o esquema de segurança.

Alcindo Jr.: dois meses antes do carnaval, a sede já ficava funcionando. A gente botava um manequim lá, pronto, pra quando chegasse a fantasia. E os foliões, como o folião do Realce é folião mesmo, é folião e amigo, era folião amigo, sempre passava na sede. E passava de moto, passava no ônibus e o motorista parava na porta: "Júnior, já tem a fantasia? Eu quero saber como é que vai ser!" "Não, não chegou ainda."

Flora: Dava pra perceber que tinha uma demanda reprimida forte. Tinha foliões que pagavam o abadá em prestações a perder de vista.

Albry da Anunciação: Eu lembro que teve um rapaz que também não tinha dinheiro pra pagar taxa, e aí ele chegou, pegou o micro system dele...

Flora: Micro-system, no caso, é um daqueles aparelhos de som, de stereo. Um equipamento fundamental pra ouvir música naquele deserto tecnológico dos anos 90.

Albry da Anunciação: “pega o meu aparelho, mas não vou deixar de sair no Realce.”

Flora: Aparentemente isso não era tão incomum, porque o Alcindo lembrou de outro caso.

Alcindo da Anunciação: O cara levou uma televisão, deixou pra pegar o abadá para ir pagar depois.

Flora: Nesse caso, a penhora não foi tão tranquila.

Alcindo da Anunciação: Eu me lembro que o cara levou a televisão, levou a fantasia. No outro dia de manhã, chega a mulher do cara lá.

Flora: Parece que faltou combinar com os russos. A mulher não tava sabendo de nada, e queria a TV dela de volta.

Alcindo da Anunciação: Devolvi, coitada...

Flora: O Aldri ia vendo tudo isso e ficando um pouco assustado.

Aldri da Anunciação: eu não era pessimista, mas eu ficava muito curioso. Eu falei “Gente, eu não tinha noção de quantos carnês tavam na rua”.

Flora: Tinha muito carnê de abadá sendo vendido...

... e o Carnaval chegando.

Aldri da Anunciação: Meu Deus, o que é que vai acontecer?

Flora: E aí, como costuma acontecer, o Carnaval chegou.

Aldri Anunciação: a ordem do desfile é a ordem de fundação do bloco.

Então, a gente foi o último a desfilar naquele ano, 92, no primeiro ano – ou seja, a gente desfilou bem tarde na avenida, depois, era quase onze da noite...

Flora: O Aldri tava num papel crucial, gerenciando o andar da carruagem.

Aldri Anunciação: Eu era aquele cara que, quando havia engarrafamento de trio, ou um bloco da frente tava muito devagar, eu que tinha que entrar no outro bloco, dizer: "Olha, acelera um pouquinho que nosso bloco tá– tá– tá apertando muito nossos foliões!"

Flora: Eram milhares de foliões na avenida. O Júnior tava ali nos cordeiros, o Albry tava monitorando o pessoal do trio... Eles tavam bem ocupados, tentando gerenciar a multidão toda. Mas teve uma hora que deu pra parar e apreciar. Era um dos maiores blocos na avenida.

Aldri da Anunciação: E eu lembro da alegria de vocês e de meu pai lá em cima do trio dessa primeira vez que saiu, vocês comentando: "Meu Deus, olha quanta gente! Era o maior bloco."

Flora: Tem uma imagem bem clássica do carnaval baiano. Talvez você já tenha visto.

Aldri Anunciação: se você botar na internet, vai vir várias marcas de fotos aéreas de carnaval baiano, onde dentro do bloco é completamente branco, e fora, e nas margens, completamente negro.

Flora: Não tinha drone em 1992 pra fazer um registro daqueles...

Aldri Anunciação: Mas se você fizesse a foto aérea do bloco Realce, você ia ver que era praticamente todo negro, assim. Tanto fora da corda quanto dentro. Que não era somente negros que nem o Ilê, que não entram brancos, até porque na periferia você tem um componente de branquitude muito, muito alto. Também. Então o recorte do Realce não não era um recorte racial, era um recorte de classe também.

Flora: Qual é o poder de uma imagem dessas?

Alcindo da Anunciação: A gente se sentia satisfeito em ver o povo todo brincando, pulando. São momentos assim... o Carnaval são momentos de felicidade que você não tem durante o ano.

Alcindo Jr.: Eu ficava alegre porque eu via que quem estava ali era eu. Um folião daquele ali era eu.

Flora: Essa imagem, do bloco com cordas, mas sem uma linha de cor, logo ganhou um apelido.

Alcindo Jr.: "bloco do povão".

Aldri da Anunciação: Era conhecido como "bloco do povão".

Flora: No linguajar do carnaval, "bloco do povão" era meio que o contrário de "bloco de gente bonita". Ou seja, pra muita gente, não era elogio.

Alcindo Jr.: Bloco do povão é aquele bloco que incomodava muita gente que estava lá em cima.

Flora: O Albry lembrou de um dia que ele tava com o abadá do bloco, indo em direção ao trio um pouco antes do desfile.

Albry da Anunciação: Eu me lembro que eu estou com a fantasia, e aí eu estou passando pelo Campo Grande. Aí tem um rapaz vendendo, vendendo água. Aí ele bate no meu ombro, faz: "Ó, daqui a pouco eu estou lá, viu?"

Aldri da Anunciação: Olha só que coisa louca esse bloco. Quem saía no bloco era os vendedores ambulantes do carnaval.

Albry da Anunciação: Nós não éramos donos do bloco, nós só éramos ali representantes, mas que é o verdadeiro dono do bloco Realce é o folião.

Flora: O bloco saiu durante uns bons anos – tempo suficiente pra acumular muitos causos. E os foliões do Realce iam surgindo nessas histórias como um personagem coletivo. Teve a vez em que o próprio trio elétrico não conseguiu chegar em Salvador a tempo do desfile.

Alcindo da Anunciação: E os foliões tudo ali no bloco Realce, ali na avenida, pra sair. E cadê o trio?

Flora: Quando o Alcindo viu, umas foliãs mais proativas tinham ido até o trio de outro bloco, que tinha acabado de desfilar.

Alcindo da Anunciação: Os foliões pegaram um trio que estava lá parado. Outro parado, chamou o rapaz do trio...

Flora: Foram lá e pediram pra eles puxarem o Realce, que depois o pessoal do bloco ia acertar. A banda desse outro trio, que não era bobo nem nada, topou.

Alcindo da Anunciação: Os foliões botaram o bloco na rua.

Flora: Aí, teve a vez do carro.

O trio do Realce tava dobrando a esquina pra entrar no circuito dos blocos...

Alcindo Jr.: Aí passou um trio e chegou a nossa vez. Quando o nosso trio começa a andar, aí tem um carro de um morador de um prédio na curva. Aí o trio não consegue, né?

Flora: O trio ficou travado, sem conseguir fazer a curva.

O Júnior tava correndo pra lá e pra cá, tentando resolver, tentando descobrir de quem que era o carro...

Alcindo Jr.: Quando eu olho, quando olho pra trás, olho pra cá, tá os foliões do Realce, tudo com— carregando o carro. Carrega o carro, bota o carro no meio fio – "Júnior, é só isso? Vou lá, tô no horário que eu vou trabalhar!" Aí, meu irmão, essas coisas assim me dão uma alegria de cada vez mais brincar carnaval.

Flora: Era assim que o Júnior lembrava. Quando Aldri pediu pro pai recontar essa história, o bagulho ficou ainda mais doido.

Aldri Anunciação: Como é que foi essa história? O povo carregou o carro?

Alcindo da Anunciação: Não, empurrou o poste!

Aldri Anunciação: Foi o poste ou foi o carro?

Alcindo da Anunciação: Não, poste!

Aldri Anunciação: Não acredito...

Flora: Na lembrança do Alcindo, era a mesma situação: o trio tentando entrar no circuito e não conseguindo fazer a curva. Mas o empecilho dessa vez não era um carro: era um poste de luz.

Alcindo da Anunciação: Tinha que fazer a curva ali para ir para o Campo Grande. Aí o poste não deixava porque o trio era muito grande quando passava. Aí o pessoal subiu no trio, entortou o poste...

Flora: Não sei se o carro e o poste foram anos diferentes, ou se na contação da história, o folião do Realce foi crescendo e ganhando superpoderes. De qualquer forma, eu gostei de ouvir.

Alcindo da Anunciação: Empurrou o poste mesmo, porque o trio era muito grande para fazer o...

Aldri Anunciação: Gente, mas era destruição do patrimônio público!

Realmente, o folião do Realce não tinha limite.

Alcindo da Anunciação: Eles queriam era sair. Se dependesse dele, meu amigo, acontecia.

Albry da Anunciação: Se o bloco não tivesse corda, eles seguravam a corda. Se não tivesse o trio, eles iam puxar, eles iam arrumar um outro trio.

Alcindo Jr.: Eu, eu acho assim: o Realce, ele foi um abre alas. E o Realce, além de abrir as portas pro povão, abriu as portas pruma banda que se chama... Gera Samba. O primeiro bloco de trio que o Gera Samba tocou foi com a gente.

Flora: Naquele ano, 1994, o Alcindo tinha resolvido fazer diferente.

Aldri Anunciação: não era comum ter banda de pagode. Era banda de axé music.

Alcindo da Anunciação: Eu conhecia o Beto Jamaica, né, aquele pessoal todo...

Flora: O Beto Jamaica tinha fundado essa banda, Gera Samba, junto com um amigo dele, o Compadre Washington. Uma banda que depois virou...

Música Pau que Nasce Torto

*Segura o tchan, amarra o tchan, segura o tchan, tchan, tchan,
tchan, tchan...*

Flora: Outro dia, Aldri tava conversando com um amigo sobre os dias áureos do bloco, e o amigo soltou essa:

Aldri Anunciação: “ah, aquele bloco de vocês, que loucura! Vocês lançaram a Carla Perez!” Eu falei: “Como assim?”

Flora: No desfile do bloco, era difícil prestar atenção em tudo ao mesmo tempo.

Mas parece que, no circuito Campo Grande, onde o bloco Realce desfilava, numa determinada altura, tinha uma menina dançando em cima de uma laje. Os blocos iam passando, e ela ia dançando. Mas o trio do Realce parou ali.

Aldri Anunciação: A Carla Perez, ela dançava em cima de uma laje na avenida e o bloco de vocês parava na frente e ficava meio que conversando com ela. "E aí, menina, dança aí!" E já era banda— e já era a banda Gera Samba, né? Que era o Beto Jamaica, que depois virou É o Tchan. E ele lembra da banda convidando ela pra sair da laje. "Então vem dançar em cima do trio!"

Flora: Naquele dia, nasceu "a loira do Tchan".

E assim, a história se fez.

Se eu consegui confirmar essa história com o pessoal da Carla Perez? Não, porque ninguém me respondeu.

Mas depois de ouvir tantas histórias sobre o Realce, eu não tava estranhando minimamente o surgimento de um capítulo da pré-história tchânica.

Aldri Anunciação: Quando você abre para o movimento popular, muita coisa acontece.

Flora: Pro amigo do Aldri, essa história era mais um testemunho do que fazia o Realce tão diferente.

Aldri Anunciação: "Se não fosse o bloco de trio de periferia de seu pai, a Carla Perez não teria sido lançada. Ninguém ia chamar aquela menina da laje para dançar em cima do trio, assim, a não ser um bloco como o de vocês, assim. Bloco Banda Beijo, Bloco Beijo, ninguém ia fazer isso".

Flora: Enquanto existiu, o Bloco Realce não deixava de ser um estranho no ninho — que nem o Alcindo na Constituinte e os meninos na escola.

E, apesar de arrastar tanta gente, não era fácil conseguir patrocínio.

Os irmãos todos se lembravam de um certo boicote na hora do desfile.

Aldri Anunciação: Dizia – agora não pode entrar no circuito. Segurava a onda pra gente não entrar... Aí por razões burocráticas... e acabava que a gente passava no horário em que as TVs não estavam mais lá. A Rede Globo, SBT, todo mundo já tinha ido embora. Era como se fosse... Não queriam mostrar aquela imagem.

Flora: Eu adoraria dizer que o Realce foi um terremoto, um meteoro, que baixou na avenida e bagunçou o coreto todo. Mas em 1999, saiu uma série de reportagens no jornal A Tarde que mostrou o quão pouco as coisas tinham mudado.

Tinha duas amigas, por exemplo, que queriam sair num dos maiores blocos de trio: “A Barca”. Elas fizeram exatamente o que os meninos tinham feito lá em 1990.

Preencheram a ficha, com nome, endereço, 3x4...

Uma das amigas passou.

A outra não.

Adivinha qual que era branca e qual que era negra?

Logo depois do Carnaval naquele ano, a Câmara dos Vereadores de Salvador teve uma Comissão Especial Sobre o Racismo pra investigar essa e outras denúncias.

Ainda tinha muito bloco usando esse sistema das fichas.

E o resultado não poderia ser mais claro.

Mas no fim, só um bloco, “A Barca”, recebeu um castigo exemplar.

O resto – que incluía o Eva, o Beijo, e o Pinel – ficou por isso mesmo.

E, mesmo que hoje em dia já não tenha mais ficha com foto 3x4, tem muitas outras formas de segregar.

Por exemplo: um abadá que custa mais que um salário mínimo.

Alguns anos depois do Realce, a família Anunciação botou outro bloco na rua.

Albry da Anunciação: Papai criou o bloco Realce... e depois a gente consegue criar o bloco Tô Ligado, no circuito nobre da Avenida.

Alcindo Jr.: No meio deles!

Albry da Anunciação: No circuito nobre que é o circuito Barra-Ondina, o circuito onde está os grandes– as grandes atrações do carnaval business.

Albry da Anunciação: Quem criou o nome Tô Ligado, é Aldri. É ele que cria. Porque é assim, o nome “Tá Ligado” é assim: a gente que é da periferia, aí dizia, “Nós estamos ligado, o carnaval também é nosso”. Então o Aldri cria esse nome, Tô Ligado. Vamo estar ligados também. Uma forma até de protesto.

Flora: Durante uns anos, eles tocaram os dois blocos juntos. Vários blocos tinham esse esquema, um bloco “A” e um bloco “B”, ou “bloco alternativo”. O Realce saía de domingo a terça, e o Tô Ligado de quinta a sábado. Mas depois de uns anos, esse ritmo ficou meio insustentável.

Ninguém sabia dizer em que ano que foi.

Mas depois de um tempo, o Realce ficou pelo meio do caminho.

E o Tô Ligado carregou a bandeira pra frente.

Alcindo da Anunciação: Esse ano vai sair o Tô Ligado. Já está definido.

Aldri Anunciação: É mesmo? Vocês vão sair?

Alcindo da Anunciação: Estão articulando aí para botar na rua.

Aldri Anunciação: O senhor sempre está articulando...

Flora: O bloco de trio não nasceu com cordas. Na década de 50, quando Dodô e Osmar inventaram o gênero, não tinha corda, não tinha camarote, não tinha abadá. Era tudo “pipoca”. Um pessoal aglomerado em torno de um bom som. O trio, na verdade, foi uma revolução popular naquilo que tinha sido um carnaval de desfiles elegantes da elite.

E hoje em dia, parece que o pêndulo da história tá voltando pra esse lado. Ainda tem os blocos de corda, mas tem cada vez mais sem. É difícil medir o impacto de um único bloco em tudo isso. Acho que é mais fácil entender o impacto que ele teve nos irmãos Anunciação.

Aldri Anunção: Isso dichavou realmente a cabeça dos filhos. Porque a gente esqueceu completamente dessa história de que a gente havia sido rejeitado pelo bloco. Aumentou muito nossa auto estima, a gente ficou assim, a gente tinha um bloco!

Alcindo Jr.: quando eu falava com meus amigos que era dono de bloco, as pessoas não acreditavam. "Você é dono de bloco?!" "Não, sou dono de bloco, sou dono de bloco, sou dono do bloco!"

Flora: Mas é óbvio que o Alcindo não fez o bloco só pros filhos dele.

Aldri Anunção: Sendo um cara político como ele era, sindicalista, eu acho que ele agiu assim: "Vou defender a minha cria, mas também vou criar um barulho que eu vou botar 3 mil pessoas na rua, negras, de comunidade, para desfilar no circuito oficial do bloco de trio".

Aldri Anunção: foi uma escola para gente – de letramento racial.

Alcindo da Anunção: Também.

Aldri Anunção: Essa coisa de você poder estar em todos os lugares. Você está numa escola de elite, mas ao mesmo tempo você está num bloco com 3 mil pessoas da periferia, na periferia.

Alcindo da Anunção: E botavam na rua mesmo. Você há de convir que o bloco Realce era um bloco que arrastava...

Aldri Anunção: Muita gente.

Alcindo da Anunção: Muita gente.

Flora: Hoje em dia, o Aldri vê a marca do bloco na escrita dele.

Aldri da Anunção: Tanto que as coisas que eu faço – eu acabei me tornando escritor e artista, escritor de ficção. As minhas histórias falam de exclusão. Eu fiz um livro chamado Namíbia Não, que foi adaptado para cinema. Virou Medida Provisória, que fala de uma lei que exige que todos os negros e negras retornem para a África em pleno século XXI... quer dizer, é um pouco essa história que a gente vive, que a gente viveu ali no carnaval,

né? Essa convocação de sair daí. Sai daí da avenida, essa avenida não lhe pertence, esse bloco não lhe pertence.

Eu acho que essa experiência com o Realce me deu muito, assim, acionou vários gatilhos na minha cabeça pra entender essa coisa de ser preto numa sociedade que se quer branca. Como é possível você continuar com o otimismo de vida ainda que as pessoas te excluam, assim... pra onde você pode ir. Existe uma realidade outra que é a do Realce, por exemplo, 3 mil pessoas que te querem ali.

Flora: Não é fácil materializar essa realidade. Isso fez parte do aprendizado também.

Aldri Anunciação: Dá um trabalhão, isso, né? Eu queria só curtir. Comandar 3 mil pessoas...

Alcindo da Anunciação: A gente faz por amor, né?

Aldri Anunciação: Mas curtia.

Alcindo da Anunciação: É isso aí.

Branca Vianna: Essa história foi produzida pela Flora Thomson-DeVeaux, diretora de pesquisa da Rádio Novelo. A gente agradece o Eduardo Heck de Sá pela sugestão da história.

Além de Namíbia Não, Aldri Anunciação acabou de lançar outro livro, chamado Pretamorphosis: biografia não autorizada de um ex-branco.

Pro segundo ato do episódio de hoje, a gente vai passear um pouco pelo carnaval do Rio. Mas não é exatamente o carnaval do Rio que eu, ou você, ou qualquer pessoa viva hoje, tenha conhecido.

De novo, a história começa num lugar um tanto inusitado, bem longe da Marquês de Sapucaí. Quem conta é a Évelin Argenta.

ATO 2

Évelin Argenta: Numa edição de terça-feira de 1929, o jornal Diário Carioca trazia na página quatro, a notícia de um acontecimento que movimentava Nova York naquele dia. Centenas de pessoas tavam nas ruas buscando qualquer tipo de informação sobre uma notícia que já vinha sendo anunciada – ou pelo menos prevista – pelos jornalistas que acompanhavam o assunto de perto.

E não. Eu não tô falando do crash da bolsa em outubro de 1929, aquele que ajudou a mergulhar o mundo todo na grande depressão. A notícia do Diário Carioca era de 15 de janeiro, uns bons meses antes do colapso na economia mundial.

A nota dizia que, naquela madrugada, um enorme grupo de pessoas tinham ido até a estação telegráfica da cidade pra acompanhar com muito interesse as notícias que os correspondentes americanos tavam mandando direto do Rio de Janeiro.

Todos tavam ansiosos pra, finalmente, saber o resultado de uma reunião super importante que tinha acontecido no Rio. Uma reunião que ia dizer "sim ou não" pra um empréstimo oferecido por banqueiros americanos pra financiar um mega evento no Brasil.

A ansiedade das pessoas era tanta que navios já tinham sido tomados por turistas esperando pra zarpar rumo ao Rio de Janeiro. Bastava o sim. E ele veio. Às quatro horas da manhã. Sim: os banqueiros americanos iriam emprestar uma boa quantia de dólares pra bancar um "magistral e triunfal"... bloco de carnaval.

Se você achou essa notícia estapafúrdia, eu preciso te dizer que eu até omiti alguns detalhes pra deixar ela um poquinho mais verossímil, tipo "os cem navios" sendo tomados no porto ou então a informação de que a "neve tinha transformado algumas pessoas em sorvete"...

Mas tem coisas verdadeiras aí, tá?

A primeira delas é que, sim, essa notinha tá publicada na página quatro da edição 157 do jornal Diário Carioca, numa seção dedicada a dar os informes de carnaval.

A segunda coisa verdadeira é a existência do tal bloco de carnaval.

Só que esse bloco não era grande o suficiente pra precisar de um empréstimo de banqueiros americanos pra sair. Nem tinha tamanho pra arrebatrar pessoas suficientes pra encher uma centena de navios. Na verdade, ele não conseguiria encher nem um bote salva-vidas de um navio.

É que o tal bloco era composto por uma única pessoa.

Era o Bloco do Eu Sozinho.

Você já deve ter ouvido essa expressão em algum lugar, normalmente quando a gente quer falar de alguém que não se mistura muito, ou que prefere fazer as coisas sozinho.

Talvez também você conheça "Bloco do Eu Sozinho" como o segundo álbum do Los Hermanos – inclusive é, basicamente, só isso que aparece nas buscas no Google.

Mas o Bloco do Eu Sozinho, de fato, existiu. E saiu - com uma única pessoa - pelas ruas do Rio de Janeiro por 59 carnavais.

Quer dizer, muito antes do Marcelo Camelo e companhia levantarem a bandeira dessa sensação de "não se encaixar muito bem no mundo", teve um cara que levantou um estandarte de isopor, segurado por um cabo de vassoura, fazendo a mesma coisa.

Voz de Júlio Silva

Lararái lai lará...

Lalaalarará...

Évelin: O nome desse cara era Júlio Silva, um pernambucano que se considerava carioca, já que tinha se mudado pro Rio com dois meses de idade.

E esse que cê ouviu é um dos raríssimos registros da voz do Júlio, uma voz já fraquinha de um homem de 84 anos. Eu encontrei ela num curta de 1978 chamado "Eu Sozinho", feito pela Cena Tropical e dirigido pelo Breno Kuperman, o Antonio Cesar Costa e o Tunico Amâncio, narrado pelo Tunico Pereira. Eu achei esse curta na página da Cena Tropical. Lá no site da Rádio Novelo tem o link pra você assistir.

***Narrador:** Foi em Vila Isabel que começou sua vida de folião. De lá, saiu em automóvel alugado para os cursos da avenida, para os concursos de humorismo ou para os desfiles das grandes sociedades. Suas primeiras apresentações foram em blocos carnavalescos, até que, em 1919 [...].*

Évelin:... até que em 1919 - aquele famoso carnaval depois da primeira guerra e da Gripe Espanhola - o Júlio cansou de esperar pelos outros. Ele resolveu abandonar os amigos que saíam com ele em dois blocos - o "Tatu Subiu no Pau" e o "Baratinha" - pra fundar o próprio bloco. Um bloco onde ele seria o presidente, o diretor, o compositor, o puxador, o músico... enfim, um bloco de um homem só.

*“Eu ando só. Por companhia tenho
Minhas bugigangas, que me são leais
Sozinho vivo bem, até convenho,
Feliz me corre a vida de rapaz.
Contas não dou. Se tarde ou cedo entro,
Reclamações do lar, não se me faz.
Contas não tenho, nem despacho empenho,
Se não de mim, por mim, e ninguém mais.
Entro à hora que quero, ou me é preciso
Saio à hora que entendo, ou me convém.
Se como, ou não como, passo bem.
Prefiro a vida assim, semi-isolado,
Melhor é andar sozinho (tenho siso),
Que em companhia de outro mascarado.”*

Évelin: Esse poeminha, um ode à liberdade solitária, é o que o Júlio respondia pras pessoas que questionavam a escolha dele de sair sozinho no carnaval.

E até aí, nada de mais. É uma pessoa que resolveu curtir a sua festa sozinha sem depender de ninguém. Nada diferente de alguém que - em 2024 - pega sua pochete e seu glitter e sai pela rua encarnando uma fantasia qualquer.

Só que eu ainda não te contei um detalhe importante sobre o Júlio.

No começo dos anos 20, o Júlio era repórter e escrevia pra alguns jornais do Rio, tipo o Correio da Manhã, O Imparcial e a Gazeta de Notícias. E por conta disso ele tinha certa facilidade em conseguir publicar algumas notas sobre o carnaval. Se não nos jornais onde ele trabalhava, então nos jornais onde os amigos dele trabalhavam.

Ele era um cara super bem relacionado, chegou até a ser dirigente do Flamengo - e defendia com unhas e dentes que a frase "uma vez Flamengo, sempre Flamengo", era criação dele. Mas isso aí, por razões bastante particulares, não me interessa aprofundar aqui. Segue o baile.

Bom... foi assim, graças a essa intimidade com os jornais e com os jornalistas, que o Bloco do Eu Sozinho - por pura piada - aparecia nos informes carnavalescos de um jeito bem diferente do que ele era na realidade.

Tipo essa nota do jornal O Imparcial, de 20 de janeiro de 1923. Ela dizia que a equipe de repórteres tinha conseguido com exclusividade acesso ao barracão do Bloco do Eu Sozinho onde eram confeccionadas as fantasias - no plural - e onde tinha conversado com inúmeros operários que trabalhavam no ensaio geral.

Na verdade, a única pessoa que ajudava a fazer a fantasia de palhaço - tipo um Pierrot - do Júlio era a mulher dele, a Amélia.

E tinham umas outras notas que até ultrapassavam demais o limite da credibilidade.

Teve uma no Diário Carioca que falava que "se ouviram gritos de 10 milhões de pessoas" pelas ruas do Rio pra comemorar o tal empréstimo dos americanos.

Pra início de conversa, o Rio só tinha pouco mais de um milhão de habitantes na época. Mas além disso, o Júlio não gostava que ninguém ficasse perto dele. Afinal, não era o bloco do "mais ou menos sozinho", né?

Só que ao mesmo tempo que o Júlio era extremamente radical quanto à presença de mais gente no bloco, ele sempre se referia ao Eu Sozinho no plural: "o nosso bloco", "os nossos foliões", "as nossas músicas", tipo nessa marchinha cantada por ele no curta de 1978:

***Júlio Silva:** O Bloco do Eu Sozinho, com primazia, brinca no carnaval, com muita alegria, mantém a sua linha alegre, sempre original. Neste desfile apresentamos o nosso bloco a todos corações. Sempre contentes, nós começamos por ser os mais foliões. Agora: somos de São Cristóvão, saímos contentes a passear. Nosso bloco é atraente, o Eu Só Sozinho já vai andar.*

A confusão dos poemas e marchinhas se juntava às notinhas de jornal - incluindo aquela dos navios de Nova York. E todas essas notas eram publicadas num tom de brincadeira, de gozação, mesmo. Só que elas ficavam no meio de outras notícias reais no jornal, o que acabava confundindo muita gente.

O Júlio disse que o auge dessa confusão foi quando ele escreveu uma notícia dizendo que o Bloco do Eu Sozinho faria um grande desfile nas ruas de Vila Isabel, um bairro da zona norte do Rio. Daí, um inspetor da Light - a companhia que operava os bondes elétricos da cidade - deslocou bondes extras pra atender aos foliões.

E o Júlio? Bom, o Júlio ficou na rua, rindo e olhando os bondes vazios indo e voltando, todo orgulhoso de mais uma peça que ele tinha conseguido pregar em nome do carnaval.

Voz de Júlio Silva

Lararái lai lará...

Lalaalarará...

Évelin: Foram muitas notinhas "reais pero no mucho" nos jornais da época. Além dessas que eu te contei, tinha nota falando de assembleia pra eleição da direção do bloco, pra prestação de contas, de datas de ensaios com centenas de músicos, de confecção de carros alegóricos, outras até descrevendo os carros alegóricos. Tudo fantasia.

Só que, nessa realidade paralela, com o passar do tempo, o Bloco do Eu Sozinho foi ficando cada vez mais conhecido. E o Júlio foi ficando cada vez mais conhecido. E foi ficando cada vez mais difícil manter a fantasia de solitário.

Até que em 1970, o Julio Silva dispensou as centenas de músicos, guardou os suntuosos carros alegóricos e anunciou o último desfile do Bloco do Eu Sozinho – no que seria o seu quinquagésimo segundo carnaval.

E a justificativa pro fim foi, justamente, o fato de ter se tornado conhecido demais.

Numa entrevista ao Jornal do Brasil, um melancólico e saudosista Júlio disse que a gota d'água aconteceu no carnaval de 1969. Dois amigos dele - um que morava no Rio Grande do Sul e outro em Pernambuco - ligaram pra contar que tinham visto ele na TV.

E aquilo fez ele sentir que tinha cruzado um limite. Um ponto de não retorno. Ia ser impossível ser sozinho a partir daí.

O mais curioso dessa história é que o Júlio - que sempre prezou pela solidão e não prestava contas a ninguém, como ele mesmo escreveu no poeminha - escolheu o maior jornal do país na época pra sair de cena. Com direito a fotão e tudo.

Fiquei um bom tempo pensando nisso, no porquê de uma despedida tão midiática. E cheguei à conclusão que, talvez, essa justificativa numa página inteira de jornal não foi tão surpreendente assim.

Talvez ele quisesse mesmo era aparecer, se fazer conhecido. Desde 1919. Afinal, quem não quer aparecer não sai por aí vestido de palhaço segurando uma placa, né.

Será, então, que essa despedida do Júlio, todo saudosista, dizendo que o Bloco do Eu Sozinho "nunca mais" sairia no carnaval era mais uma pegadinha dele?

Voz de Júlio Silva

Lararái lai lará...

Lalaalarará...

Évelin: Tudo indica que sim. Em 1970, de fato, o Bloco do Eu Sozinho não saiu.

Pelo menos não com o Júlio vestido de palhaço.

Mas... o Bloco do Eu Sozinho voltou a sair em 1971.

Em 72 de uma pausa pq um genro morreu. Mas ele tava lá na rua em 73, 74, 75, 76, 77 e em 1978, quando o Júlio escreveu mais uma nota no Jornal do Brasil agradecendo o apoio da imprensa e se despedindo de vez por todas do carnaval.

A partir daquele ano, ele só ia visitar amigos e parentes em Copacabana.

Voz de Júlio Silva

Lararái lai lará...

Lalaalarará...

Évelin: Até o ano seguinte. Quando ele voltou a desfilar pelas ruas do centro do Rio do mesmo jeito: vestido de palhaço, segurando uma placa de isopor, distribuindo poesias, marchinhas e doces pra quem tava na rua. E quem tava na rua naquele fevereiro de 1979 testemunhou o último desfile do Bloco do Eu Sozinho.

Cinco meses depois daquele carnaval, aos 84 anos, o Julio Silva morreu. E, dessa vez, ele não teve como avisar ninguém, nem colocar uma nota no jornal se despedindo. Dessa vez, foi a rua - a grande companheira do Júlio - que acabou pregando uma peça nele. O palhaço Julio Silva foi atropelado no dia 10 de julho de 1979.

Bloco do Eu Sozinho, Marcos Valle

*"No bloco do eu sozinho
Sou faz tudo e não sou nada
Sou o samba e a folia
De fantasia cansada
Sou o novo e o antigo
Sou o surdo e o entrudo
Visto farrapo e veludo
Faço um breque, depois sigo"*

Évelin: O carnaval do Bloco do Eu Sozinho não existe mais, porque aqueles dias não existem mais. Na verdade, a gente nem sabe direito como foram aqueles dias, né. O que a gente sabe é o que alguém contou. A história que alguém escolheu contar.

O Júlio escolheu contar um monte de histórias, umas verdadeiras, outras não. E o que ficou foi uma imagem que parece ao mesmo tempo uma visão do passado distante e uma realidade meio espelhada do nosso tempo: um palhaço com uma placa, fingindo se esconder na própria fantasia, fugindo das câmeras. E a fantasia feita, justamente, pra ser encontrada por elas.

E se o carnaval é a festa da inversão - uma festa que sempre andou no fio da navalha entre a realidade e a fantasia - quem sabe a história do Júlio Silva e do seu "gigantesco" Bloco do Eu Sozinho teja aí só pra lembrar a gente disso.

Bloco do Eu Sozinho, Marcos Valle

*"Sozinho sou a cidade
Sou a multidão deserta
Pé na dança e mão aberta
Em busca da vida cheia...."*

Branca Vianna: Essa foi a Évelin Argenta, produtora sênior da Rádio Novelo.

Obrigada por ter ficado com a gente até o final de mais um episódio do Rádio Novelo Apresenta.

No post desse episódio no nosso site, tem algumas fotos da família Anunciação e dos primeiros anos do bloco Realce. Também dá pra ver o curta do Júlio Silva, além das lorotas que ele conseguiu emplacar nos jornais cariocas sobre o Bloco do Eu Sozinho.

Cê pode aproveitar que tá no site pra assinar nossa newsletter, que desfila pelos inboxes dos ouvintes fiéis toda quinta-feira.

E se você quiser mandar alguma sugestão de história pra gente, lá no site tem uma seção chamada “envie uma pauta”, onde tem bem explicadinho que tipo de formato funciona melhor no programa.

Você já sabe, mas não custa lembrar que os episódios do Rádio Novelo Apresenta são tão disponíveis nos principais aplicativos de áudio. Cê pode seguir a gente no Spotify, no Apple Podcasts, e no Amazon Music. Na Deezer, é só favoritar. Também dá pra se inscrever no Google Podcasts, no Castbox e no canal da Rádio Novelo no YouTube.

Segue a gente também no Twitter e no Instagram, no @radionovelo, e marca a gente sempre que for recomendar ou comentar algum episódio.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo.

A gente tem o apoio da Open Society Foundations.

Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães e a Sarah Azoubel.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, e a Júlia Matos.

A checagem deste episódio foi feita pela Denise Ribeiro e pelo Plínio Lopes.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças é do Gustavo Nascimento.

E a nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira.

Brigada, e até a semana que vem.